

# Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 10

Junho-Julho-Agosto de 1935

N. 6 - 7 - 8

## E C O N O M I A

No imperio do café creára-se uma aristocracia, verdadeira nobreza agraria, cujo valor e propositos conservadores constituiram o maior esteio da Nação, quer o consideremos moral ou materialmente. O determinismo geographico, as condições de meio e a sua audacia, conduziram-n'a ao excesso, ao transbordamento.

Para sanar o mal appellou-se para o artificio, que produzindo um bem, creara um mal talvez maior, qual o da concorrência.

O artificio gerára artificios mais custosos e mais difficeis de serem evitados. E, peor ainda, crearam-se vicios, dos quaes não é menos perigoso o temor ao cambio.

Crearam-se entre nós a lenda de que só podemos viver sob cambio baixo e, mal nos apercebemos que é illusão pasageira, lenitivo breve, mas realidade devastadora, processo de exgottamento peor que todos os processos.

Na illusão de numeros grandes o cambio baixo tem sustentado preços altos para o café e para outros productos em moeda desvalorizada, á custa de darmos mais em troca de menos.

Mais contos de réis, mais toneladas exportadas, a troco de menos moeda padrão, portanto menos meio de adquirir, menos meio de conforto e de progredir.

Se representassemos por uma unica expressão — Um Kilo de Café — a unidade de toda a nossa exportação, e em outra expressão — Um Kilo de Ferro — a de toda a nossa importação, desde o frasco de perfume até o trilho ou a locomotiva, seria facil de se comprehender que, se a um cambio estavel qualquer, elles se equivalem ou representam uma relação conveniente para duas partes interessadas, a queda do cambio, a modificação dessa relação exigirá mais mercadoria da parte que soffreu a baixa.

De outro modo: se com “Um Kilo de Café” se comprava “Um Kilo de Ferro”, com a baixa do cambio, um kilo de ferro só se trocará por um Kilo e tantas grammas de Café.

Como do phenomeno resulta, na apparencia, maior paga ao producto nacional, gera-se a crença de que houve estímulo ás fontes de producção. Esse estímulo, em parte verdadeiro, é entretanto passageiro e deixa como inevitavel consequencia o encarecimento da vida, seguido de numeroso cortejo, do qual se sobresahe o mal estar e a tensão de espirito dos que vivem de ordenados e salarios.

Dir-se á que o encarecimento da vida não tem sido proporcional ao aviltamento de nossa moeda. Com effeito, por condições especiaes de meio e do momento, temos visto realizado em nosso beneficio, uma especie do “bastar-se a si mesmo” no campo da agricultura e em parte no da industria, (e neste campo em virtude do sub-consumo), e por isso esse encarecimento não tem sido *proporcional* á queda do cambio.

Não se diga entretanto que esse phenomeno attenua de todo o mal que nos causa esse isolamento no mundo das permutas. Nada compramos e portanto não importamos o progresso e o conforto: nada compramos mas isso nos custa o abaxamento do padrão de nossa vida; nada compramos á custa do nosso proprio exgotamento.

Compare-se o que adquiriamos antes da desorganisação universal com o que compramos hoje: antes — bom e barato, hoje — pessimo e caro. E' o proteccionismo alfandegario exaltado pela queda do cambio.

Continuemos nesse caminho e em breve teremos os millionarios na apparencia e a miseria como realidade.

C. T. M.